



Artigo
Article

**TRILHAS DE SEDUÇÃO: O OUTRO LADO DA AVENIDA RAUL
LOPES**

TRAILS OF SEDUCTION: THE OTHER SIDE OF RAUL LOPES AVENUE

Carlos César Santos Silva Filho¹
Carmen Lúcia Silva Lima²
Raoni Borges Barbosa³

RESUMO: Este artigo é uma análise etnográfica do ponto de pegação chamado de “Trilhas”, situado na margem da avenida Raul Lopes, em Teresina – Piauí. Famoso na capital piauiense, é visto pelos autores como um lócus propício para a discussão sobre vivências na cidade, sociabilidades e outra abordagens de interesse para a Antropologia Urbana. A pesquisa que deu ensejo ao texto foi desenvolvida durante os anos de 2019 a 2022, sendo constituída de levantamento bibliográfico, observação realizada durante as visitas ao campo e por entrevistas com interlocutores que são frequentadores do espaço. Apresentamos os agentes sociais, os tipos de trocas e as relações desenvolvidas dentro do ponto de pegação. Analisamos a posição do Estado, que utiliza mecanismos de coerção social e reprovação estatal visando a “limpeza” de tal região moral, tida como de “elite”. Exploramos a dualidade de uso de um espaço e o complexo jogo de relações, que acontece no tabuleiro urbano com suas identidades heterogêneas e complexas. **Palavras-chave:** antropologia urbana, pegação, sociabilidade urbana.

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGANT da Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI. E-mail: cccesarfilho@hotmail.com.

²Doutora em Antropologia. Professora Associado III do Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação – PPGANT em Antropologia da UFPI. Coordenadora do Laboratório do PNCSA/UFPI. Líder do Grupo de Pesquisas sobre Identidades Coletivas, Conhecimentos Tradicionais e Processos de Territorialização da UFPI. Bolsista CNPQ - Produtividade em Pesquisa 2. E-mail: carmensllucia@gmail.com.

³Doutor em Antropologia. Pesquisador DCR-CNPq FAPEPI. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação – PPGANT em Antropologia da UFPI. E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com.

ABSTRACT: This article is an ethnographic analysis of the cruising spot called "Trails", located on the side of Raul Lopes Avenue, in Teresina – Piauí. Famous in the capital of Piauí, it is seen by the authors as a propitious locus for the discussion of experiences in the city, sociabilities and other approaches of interest to urban anthropology. The research that gave rise to the text was developed during the years 2019 to 2022, consisting of a bibliographic survey, observation carried out during field visits and interviews with interlocutors who frequent the space. We present the social agents, the types of exchanges and the relationships developed within the cruising point. We analyze the position of the State, which uses mechanisms of social coercion and state disapproval in order to "clean" that moral region, considered as "elite". We explore the duality of the use of a space and the complex game of relationships, which takes place on the urban board with its heterogeneous and complex identities. **Keywords:** urban anthropology, cruising, urban sociability.

INTRODUÇÃO

A análise etnográfica sobre “Trilhas”, o ponto de pegação localizado na margem da avenida Raul Lopes, em Teresina, capital piauiense, exige como pontos de partida conceituarmos pegação no contexto das sociabilidades humanas. Para Fellipe (2020) é

um conjunto de práticas sociais realizadas entre sujeitos masculinos a partir da manipulação de técnicas corporais, gestuais e sensoriais que se constituem na fronteira entre o virtual, o doméstico, o comercial, o público e o privado. Trata-se de uma sociabilidade que se diferencia dos arranjos amorosos mais duradouros, dos namoros ou “ficas” distinguindo-se também de dinâmicas características dos mercados do sexo (FELLIPE, 2020, p. 13).

Oliveira e Nascimento (2015) definem como um código e destacam a polissemia do termo pegação, na medida em que pode dizer muito ou nada, simultaneamente.

É, para todos os fins, um código. Pode-se chamar de pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos, como também se pode chamar assim o local em que essas relações acontecem. Tomada em seu aspecto êmico, a pegação surge como um código na medida em que as práticas descritas pelos colaboradores desta pesquisa como pegação se referem a jogos sinuosos de insinuação e provocação que se estabelecem entre sujeitos que dominam ou se aventuram através de olhares, movimentos e convites – por vezes pouco objetivos. Todos esses elementos são acionados de modo ágil em contexto de interação localizado na interseção de desejo e criatividade, entre a vontade de fazer e a perspicácia de transformar espaços. São rápidos, efêmeros. Cruzam a geografia e a temporalidade, durando apenas o momento do encontro para logo se desfazerem (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015, p. 46).

Na zona Leste de Teresina, dentre as matas que percorrem paralelamente aos rios, um universo de pegação se desenvolve próximo à Ponte Estaiada, perto de um box de Crossfit e ao lado da extensa pista de ciclismo e caminhada da avenida Raul Lopes, via que se popularizou no cenário da capital. Com um funcionamento de aproximadamente 24 horas, “Trilhas da Raul Lopes” é mais um dos espaços de encontros masculino que integram a cidade, num complexo jogo de flerte e sexo rápido construído em cima do sigilo, da aventura e do efêmero.

Este artigo é o resultado de uma investigação etnográfica iniciada em 2019⁴, constituída de observação e diálogos com usuários do referido ponto de pegação. Por meio da fala de interlocutores, que tiveram suas identidades ocultadas, a pesquisa explora as dinâmicas, os agentes e como se dão as trocas sociais entre os frequentadores do espaço. Abordamos a atuação do Estado, como poder disciplinador, e os impactos de sua ação dentro da comunidade urbana de Teresina, em vista de coibir a prática da pegação.

Lugar dotado de significados diversos, para alguns as Trilhas da Raul Lopes se configuram como um momento de libertação e poesia, para outros é somente um jogo sexual rápido pautado na adrenalina, pois o risco potencializa a sensação de prazer. Para além da diversidade de acepções, trata-se de um espaço que abriga práticas que desafiam a ordem estabelecida. Situada na região nobre da cidade, expõe facetas escondidas da nossa capital, repleta de heterogeneidades e marginalidades; o que nos leva a afirmar que mesmo que todos nós estejamos em um contexto semelhante, “dizer que vivemos no particular não é dizer que para todos o particular é igual (ABU-LUGHOUD, 2018, p. 214). Foi o que constatamos nas conversas com os interlocutores, uma vez que mesmo diante das semelhanças de códigos e condutas dentro do espaço, havia conexões e visões bastante particulares sobre as vivências no lugar. “As pessoas contestam interpretações sobre o que se passa, elaboram estratégias, sofrem e vivem suas vidas” (ABU-LUGHOUD, 2018, p. 210). As Trilhas da Raul Lopes conseguem mixar geografia, socialização e sentidos, em um rápido jogo de ação que se estende não somente à borda dos rios, mas à toda cidade. As vivências são caracterizadas pelo sigilo e marcadas pelo efêmero.

O QUE ACONTECE NAS TRILHAS, MORRE NAS TRILHAS?

Através de trechos do diário de campo de um dos autores do artigo, evidenciamos como as Trilhas da Raul Lopes se torna tema deste artigo. O potencial etnográfico deste local emerge no contexto da disciplina Antropologia Urbana, ocasião em que refletimos sobre o fenômeno urbano, as dinâmicas socioculturais e as formas de apropriação deste espaço. O nosso interesse pela Trilha da Raul Lopes foi sendo construído mediante as narrativas de Carlos César Filho, que descobriu a existência do local através de diálogo com um amigo. Durante o semestre, como aluno da disciplina, ele fez relatos que despertaram o nosso interesse e ocasionaram diversas reflexões. A sensibilidade de Carlos em relação à descoberta foi decisiva, como é possível observar no relato de sua autoria que segue.

São doze horas e quarenta minutos da tarde de um domingo comum e quente na cidade de Teresina. O tempo seco e as miragens de calor que assolam o asfalto me acompanham durante todo o trajeto que faço até o restaurante de um amigo na avenida Jockey, na zona leste, considerada área nobre da capital. Em Teresina costumamos dizer que domingo é o dia “do frango”, ou como minha mãe diz: “quando a cozinha fecha”, se referindo ao descanso do teresinense, que se exime de cozinhar para comprar uma comida pronta, geralmente o famoso frango frito. Tinha marcado com dois amigos neste tal restaurante. Chegando lá, entre conversas e anedotas, nem vimos o tempo passar. Na mesa, além dos dois amigos meus, tinha um terceiro que eu só conhecia de vista, mas que muito bem se integrou em nossas conversas. Assim que acabamos o papo e resolvemos fazer a sesta, pagamos a conta e este tal rapaz que era amigo de uma amiga me pediu

⁴E concluída em 2022, quando cursei a disciplina de Antropologia Urbana do mestrado em Antropologia da UFPI.

carona e eu solidariamente disse que poderia deixá-lo em qualquer lugar ali pela região. No carro, ele (que vou nomear de Pedro, afim de preservar sua identidade) me questionou sobre meu curso e as nuances que a Antropologia apresenta. Respondi de forma calorosa e fui contando sobre nossos trabalhos de mestrado e falei das etnografias realizadas em lugares distintos, discussões de gênero e citei sobre um estudo realizado em torno de pontos de pegação. Neste momento os olhos de Pedro se avivaram. Rapidamente ele contou sobre um lugar alternativo que também era famoso por ser um “ciclo” de pegação, as trilhas da Raul Lopes, afamada avenida que anda em paralelo com o rio Poti. Esta via é geralmente frequentada por crossfiteiros e amantes de cooper. Devido ao intenso fluxo, no domingo, uma das vias é bloqueada para a realização de atividades físicas (Diário de campo de Carlos César Filho, 2022).

O diálogo com Pedro proporcionou uma descoberta que se tornou oportuna para as reflexões em sala de aula, ao ponto de se tornar o tema deste artigo que assumimos o compromisso de escrever em parceria. Considerando as abordagens que se constituíram na Antropologia Urbana, vale dizer que a cidade de Teresina, neste trabalho, é vista por nós como o espaço onde ocorre a pegação, assim como outros processos e fenômenos sociais. A cidade certamente tem implicações na configuração do fenômeno estudado, contudo não é a sua causa principal (OLIVEN, 1980). Como decorrência da escolha desta perspectiva, a análise etnográfica que iremos empreender deve ser vista como um exercício da antropologia na cidade e não da cidade, pois optamos por não conceber a cidade como uma variável independente (FRÚGOLI JR, 2005).

A capital de Teresina é dividida em quatro regiões: norte, sul, sudeste e leste. As três primeiras são definidas como periféricas ou marginalizadas e a última é vista como a zona nobre da cidade, nela está situada a avenida Raul Lopes, que é um dos pontos principais de turismo na cidade. Além destas zonas, tem o centro da cidade, espaço onde prevalece a perspectiva propriamente comercial e financeira (GALLAS, 2013; REIS, 2015), ou seja, ao final do expediente, geralmente às 18 horas, um êxodo acontece e o centro “morre”, ficando geralmente desértico ou habitado somente pelos poucos moradores, pelos mendigos, hóspedes de pensões⁵ e alguns transeuntes.

A pegação da Raul Lopes é conhecida por muitos. Certa vez, Pedro apontou para uma moto que saia do estacionamento onde começa a trilha, embaixo da Ponte Estaiada e afirmou: “Olha ali, deve tá rolando um banheirão doido”. O termo banheirão é usado para fazer referência à prática da pegação em lugares públicos, principalmente as que ocorrem nos banheiros de shoppings e lojas. Carlos escutou atentamente o comentário e motivou a continuidade da conversa.

Ri e ele continuou: - Vamos lá? Em seguida questionei: - Como a polícia permite? Não tem um policiamento excessivo por aqui?. Com mais uma risada ele me respondeu: - Não tem como ter olhos em todos os lugares. Pedro foi contando sua história e fui me recordando desse dia, ainda no trajeto para deixá-lo perto de seu destino, ele me falou do objetivo da trilha: sexo rápido e sem burocracia. Rapidamente ele sintetizou a sua experiência, disse que era só dar uma caminhadinha pela região, avistar se tinha algum agente da polícia e descer pelo declive acidentado. Mergulhando na mata seca e densa, bastava uma troca de olhares com outro sujeito que já estava por lá e a pegação ocorria, desde troca de carícias até o ato em si com penetração e o que mais desejassem. Ao final, cada

⁵Teresina é um polo de atendimento na área da saúde. Muitas pessoas originárias dos municípios piauienses e de outros estados vem para a capital piauiense em busca de tratamento médico e ficam hospedados em pensões no centro da cidade, para facilitar o acesso às clínicas, hospitais e laboratórios.

um ia para seu destino, ninguém se falava mais, ninguém discorreria sobre o assunto e aquele momento era como se nunca tivesse existido, isso até o próximo pico de tesão. Nesta ocasião me confidenciou que as visitas dele ao lugar haviam se tornado recorrentes (Diário de Carlos Filho).

Em um espaço aparentemente sem regras, cheio de incertezas, adrenalina e tesão, a máxima é: “o sigilo garante repetição” e “o que acontece na trilha, morre na trilha”⁶. Desta forma se constitui um espaço de sociabilidade, criado por uma minoria estigmatizada e que de certa forma continuamente excluída (GONTIJO, 2009), mas integrada às cidades.

Muito do que normalmente consideramos como a cidade — seu estatuto, organização formal, edifícios, trilhos de rua, e assim por diante — é, ou parece ser, mero artefato. Mas essas coisas em si mesmas são utilidades, dispositivos advéncios que somente se tornam parte da cidade viva quando, e enquanto, se interligam através do uso e costume, como uma ferramenta na mão do homem, com as forças vitais residentes nos indivíduos e na comunidade. Finalmente, a cidade é o habitat natural do homem civilizado. Por essa razão, ela é uma área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar (PARK, 1967, p. 64).

Quando questões ligadas à prostituição ou pegação são citadas, o centro de Teresina logo é mencionado. Gallas (2013), por exemplo, menciona os pontos de prostituição localizados na avenida Maranhão e Goiás, e os lugares voltados para o público LGBTQIA+, todos concentrados nesta porção da cidade. Atualmente, essa concentração foi se dispersando (SAMPAIO, 2019), a prostituição se alastrou por todas as zonas urbanas e novos lugares voltados para o público LGBTQIA+ foram constituídos. Exemplo disso é a instalação da Balada Pub Otim, no coração do bairro Noivos, uma opção alternativa que compete com a Lights Music Bar e Reserva Pub. Caso semelhante é a criação da Zonna Pub. Todos os estabelecimentos citados estão localizados na zona leste, sul e norte.

Um ponto de pegação na avenida Raul Lopes⁷? Mas lá não é lugar de rico? Estes são os questionamentos apresentados quando este assunto é abordado publicamente. São recorrentes as manifestações de surpresa sobre a existência de um ponto de pegação em uma das principais vias da zona nobre da cidade. Há pessoas que argumentam que o Centro é o local que abriga essas práticas e mencionam a Tontura⁸ como um exemplo típico de pegação.

A existência dessas práticas evidencia um processo de organização sexual de homossexualidade no contexto urbano, possibilitando a emancipação da ordem moral dominante.

Com o intuito de entender as forças que em toda cidade grande tendem a desenvolver esses ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões e os ideais vagos e reprimidos se emancipam da ordem moral dominante, é

⁶Termo bastante usado em aplicativos de pegação como o famoso “Grindr”. A máxima neste espaço cibernético é o sigilo absoluto.

⁷O site <https://www.gays-cruising.com> apresenta a localização de 47 pontos em Teresina. É, portanto, um fenômeno que exige pesquisas mais aprofundadas.

⁸Sampaio e Pamplona (2019) analisam a Rua da Tontura dentro do universo das relações sexuais em Teresina, especificamente as realizadas por homens em busca de sexo. De forma bastante preliminar, os autores definem a Tontura como sendo o ato de divagar repetidas vezes e de forma semelhante nos espaços definidos para atividades sexuais e como um lugar na cidade de Teresina.

necessário referir-se ao fato ou teoria dos impulsos latentes dos homens (PARK, 1967, p. 26).

A cidade abriga em sua complexidade práticas sexuais diversas que constituem uma espacialidade constituída de regiões específicas, tais como uma região moral que “não é necessariamente um lugar de domicílio. Pode ser apenas um ponto de encontro, um local de reunião” (PARK, 1967, p. 63), como é o caso das trilhas da Raul Lopes. Considerando o perímetro urbano de Teresina, o referido ponto de pegação é um lugar ressignificado “a partir das relações com outros lugares e com outras pessoas” (FRANÇA, 2013, p. 150). Inicialmente era um estacionamento para os visitantes da Ponte Estaiada. Esta finalidade foi alterada pelos usuários, que o transformaram em um lugar para troca de relações sexuais caracterizadas como efêmeras. “Transou, gozou, cada um vai pro seu rumo”, foi assim que Pedro definiu este espaço de forma bastante incisiva, eliminando as possibilidades de outras especulações, o que nos leva a constatar que, em certos momentos, “Existem coisas, no âmbito dos afetos, das intensidades e das paixões que não são para serem ditas” (FERREIRA, 2006, p. 127).

TRILHAS DISSECADAS E EXPOSTAS

As conversas com Pedro forneceram os argumentos importantes para as reflexões presentes neste artigo. Além dos diálogos estabelecidos com ele, as redes sociais foram utilizadas para a coleta de dados. Em uma rede social particular, um dos autores do artigo postou o interesse em estudar e entender as dinâmicas do espaço Trilhas da Raul Lopes. Rapidamente uma chuva de comentários de amigos e desconhecidos surgiu como resposta. A maioria enfatizando o perigo e os contras de se visitar um espaço como esse. Algumas mensagens pediam cautela caso houvesse a pretensão de visitar o lugar, outra disseram: “Olha, não leva o celular, tu vais ser roubado”. Em tom de brincadeira, surgiram postagens mencionando que a pesquisa era uma “deixa” para desfrutar do espaço, como todos os transeuntes que por lá passavam.

Dentre os muitos diálogos estabelecidos nas redes sociais, chegaram mensagens de Augusto, um rosto conhecido da noite LGBTQIA+ teresinense, que sempre trocava algumas palavras com autor Carlos César Filho nas festas que frequentavam. Para preservar sua identidade, adotamos o nome fictício, algo que foi pedido no momento em que foi convidado para conversar sobre suas vivências nas trilhas.

Augusto tem 29 anos, possui uma voz delicada e um pouco baixa. Ele contou sua experiência. Inicialmente, o relato foi meio engessado, mas na medida em que o diálogo foi avançando, o papo ficou mais leve. Ele é um frequentador assíduo do espaço. Relatou que tudo começa com uma simples caminhada, nada incomum pelas calçadas da avenida Raul Lopes. Destacou que “Geralmente os que vão para os trilhos se vestem com roupas de ginástica para disfarçar caso alguém desconfie”. Há duas formas de adentrar o espaço: de carro, pela via do estacionamento, sendo o jeito mais seguro; ou a pé, simulando “dar uma caminhada pelo matagal”. A mata fechada contribui para o sigilo do local. Existem postes de iluminação na lateral da avenida, mas as copas das árvores conseguem bloquear, possibilitando que as atividades sexuais sejam feitas sob as sombras daquela vegetação. Com a adrenalina no topo, misturada com o tesão do desconhecido, corpos se encontram e a interação é rápida, ninguém perde tempo.

Augusto menciona que o gesto mais comum de “sinal verde” para investir é o “pegar no pinto” por cima da calça. Primeiro o flerte, depois a ação, seguida da

aproximação de ambos, que concretiza a comunicação não verbal rápida e sinuosa. Alguns chamam o parceiro para seus veículos, outros disfrutam o prazer dos corpos ao ar livre, na proximidade de alguma árvore. O fato é que ninguém fica na inércia, nem mesmo os chamados *voyeurs*, que sentem tesão em assistir o ato sexual praticado por terceiros. “Tem aqueles que só observam, mas, se alguns se incomodarem, faz o gesto pra eles saírem e eles caem fora”, foi o que disse Augusto. Questionado sobre os horários em que frequentava a pegação, respondeu que preferia o intervalo das 18:30 até as 20:30, pois é o horário mais movimentado, contando inclusive com a possibilidade de surubas e pegações coletivas.

Sobre o perfil dos frequentadores, há os que são assíduos no espaço, como Augusto, mas há os que vão esporadicamente ou só uma vez. Sobre o tipo de homem que ele costuma pegar, Augusto soltou uma risada encorpada e afirmou: “os paizinhos de família são os melhores”. “Paizinho” é um termo que se popularizou na comunidade LGBTQIA+ para designar os homens que se dizem heterossexuais. Eles geralmente são conservadores, visitam espaços destinados ao público LGBTQIA+ e recorrem a serviços de prostituição de travestis e afins.

A *influencer* Thalessa Araújo, figura pública famosa no Instagram pelos seus relatos de prostituição, é uma das adeptas do termo “Paizinho”, sendo responsável pela popularização no meio digital⁹. Com esse tipo é preciso ter alguns cuidados. “Geralmente eu noto se há aliança durante uma chupada no peito dele, caso possua, tomo o cuidado de não deixar marcas para que ele não encontre problema em casa com a esposa”, foi o que disse Augusto. A presença significativa de “Paizinhos” na pegação pode ser considerado inusitado, pois fazem parte de um público que não se enquadra no perfil dos personagens quem compõem o universo da pegação.

O universo da pegação é habitado por um diversificado número de personagens: lolitos, boy-magias, cafuços, negões, milicos, ursos, barbies, bombados, machudos, entre outros. São essas identidades que, nos primeiros momentos, determinam a forma como cada um dos atores envolvidos é classificado e posicionado no jogo das trocas. As classificações quase sempre se referem a atributos externos, visualizáveis na construção imagética dos atores, seja por meio do corpo enquanto materialidade, seja por meio da performance ou da voz, um importante agente no processo de classificação. Esses modelos classificatórios, como bem coloca Agier (2011), são externos e nem sempre emanados dos indivíduos, mas neles depositados, mas nem sempre sendo assumidos – o que não inviabiliza ou impede que continuem sendo classificados assim (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015. p. 49).

Como os “Paizinhos” tinham conhecimento da trilha? Augusto prontamente respondeu que a grande maioria descobria através de amigos frequentadores. As conversas sobre a pegação rolavam no espaço digital, local em que a atividade de organização da pegação acontece. Imaginamos que o *Grindr*, famoso aplicativo de encontros voltado para o público LGBTQIA+, fosse grande mediador dessas relações. Augusto afirmou que o aplicativo pouco era usado para marcar encontros no lugar, principalmente pela inexperiência que os “Paizinhos” teriam em manuseá-lo. “Geralmente o *Twitter* é onde os relatos e os encontros são marcados”, foi o que disse.

Mas os “Paizinhos” também não teriam dificuldade em usar a rede social azulada? Esta questão Augusto não soube responder. Diante da incerteza, uma estratégia foi digitar

⁹Seu instagram profissional: @thalessaaraujoo.

alguns termos como “pegação” e “estaiada” na aba de busca do *Twitter*. Em seguida, alguns *tweets* específicos surgiram e “contas pornô” apareceram como sugestão. Para dificultar a pesquisa e ficar mais restrito a quem conhece, nesta rede social é comum pontuar as palavras. Por exemplo, “Estaiada” ficaria “E.S.T.A.I.A.D.A”, algo que foi dito por Augusto. Entre perguntas de “bora” agora à Raul Lopes? e de relatos de aventuras vividas no lugar, contatamos que de fato as atividades dentro das trilhas se estendiam pela rede azul. Neste espaço virtual são compartilhadas também as aventuras descritas por alguns usuários que vivenciavam momentos de pegação em outros espaços como banheiros de supermercados ou shoppings da cidade.

Os perfis dos usuários possuem nomes semelhantes aos usados no *Grindr*, tais como “ATV 25”, que se refere à posição sexual ativa de penetrar; “25”, que faz alusão ao tamanho do pênis do sujeito; ou “PEGAÇÃO ZL”, que indica a localização, nesse caso, a zona leste da cidade.

“A pegação não para nenhum minuto, é de dia e de noite”, esta informação foi apresentada por Pedro e Augusto. “É gente de toda classe, todo tipo, dos ricos aos pobres”, afirmou Pedro. Embora haja essa diversidade, destacaram que o perfil dos frequentadores varia de acordo com o horário. Os “Paizinhos” geralmente visitam o local por volta do meio-dia, pois aproveitam o horário de almoço. Já o nicho “gay” prevalece no turno da noite. A diversidade de trajetórias é uma característica do universo da pegação. O percurso de chegada a “Trilhas da Raul Lopes” pode ser bastante particular. Pedro, por exemplo, disse:

Comecei a visitar o lugar após terminar meu relacionamento, por conta de um sentimento de carência e solidão. Sempre gostei de fazer trilhas, então, ao visitar o espaço, notei as diversas camisinhas espalhadas pelo chão e fiquei curioso (Pedro, 2022).

Notar a movimentação de entrada e saída no lugar despertou o interesse de nosso interlocutor. A partir de então ele foi vivenciando o espaço de forma que para ele o lugar se tornou poético. A fala de Pedro nos remete ao conceito de lugar proposto por Michel Agier (2011), que contempla a transformação em lugar a partir da troca relacional que nele ocorre, independente do concreto ou dos objetos urbanos. Muitos dos pedestres que por ali passam não imaginam que, metros ao lado, dentre as matas e galhos secos, há um lugar de trocas sexuais intensamente realizadas. Um lugar ressocializado e transformado conforme as práticas que ali são desenvolvidas (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015).

O ESTADO REAGE

Mas nem tudo são “flores”, esta é uma advertência de Augusto e Pedro. “A polícia é o problema, chegam lá com a lanterna e enquadram todo mundo”, citou Augusto. Sobre a Guarda Municipal, dizem que o receio é menor. A atuação policial requer alguns cuidados. Augusto nos assegurou que deixou de frequentar a Tontura por medo dos policiais.

Uma vez passei por perto da esquina do Diocesano¹⁰, vi uns caras todos com arma apontando pra uma galera, resolvi dar meia volta e fiquei circulando pelo Centro com medo de estarem me seguindo. Depois fui embora... Não ando mais lá (Augusto, 2022).

¹⁰Famoso colégio da Rede Jesuíta de Educação da cidade de Teresina.

Rolnik (1995) reflete sobre a intervenção do Estado, que tenta a todo custo padronizar e normalizar os espaços e as relações. “Assim, ao mesmo tempo que para os equipamentos de saúde há o indivíduo saudável, para a legislação urbana há a casa saudável, o bairro saudável” (ROLNIK, 1995, p.67.). Deste prisma, as atividades realizadas na “surdina”, tais como a pegação, e os lugares ressocializados em que elas ocorrem são vistos como enfermidades urbanas que se distanciam do padrão estabelecido e sustentado pelo sistema capitalista.

Vale dizer que parte da avenida Raul Lopes comporta estabelecimentos comerciais, que são geralmente frequentados por pessoas de classe média alta. Há também condomínios luxuosos e, ao final da avenida está localizada a casa de eventos Teresina Hall, um Supermercado atacado de grande porte e a Universidade Federal do Piauí. O zelo pelo bom funcionamento destes empreendimentos faz com que a pegação seja vista como um risco devido a possibilidade de impactar o funcionamento dos estabelecimentos citados, assim como prejudicar a especulação financeira de toda a região¹¹. Isto explica a seguinte afirmação, repetida diversas vezes: “Tudo bem no Centro, mas na Zona Leste?” Nesse sentido, a pegação é uma inimiga da cidade de Teresina idealizada pelos poderes dominantes.

A abordagem de Rolnik (1995) é bastante pertinente para o que acabamos de afirmar. Esta autora destaca que algumas atividades são indesejadas e definidas como inimigas da cidade ideal. As favelas e os cortiços são um exemplo, pois causam impactos em todo o sistema e planejamento urbano. No caso da pegação, isso se torna ainda mais grave, pois se trata de uma atividade considerada ilegal, que está sendo praticada em um espaço dominado pela classe média e alta da cidade. É nítido o policiamento excessivo ao redor da entrada para o Mirante da Ponte Estaiada, não somente para acompanhar o movimento dos visitantes que querem enxergar Teresina “do alto”, mas para supervisionar a atividade “proibida”. “Eles chegam com a lanterna, às vezes ficam rondando as calçadas... Dá muito medo”, diz Augusto. Não é à toa que é possível notar o clima de tensão entre os pedestres pelas Trilhas da Raul Lopes. Estão sempre em posição de alerta, abarcados pela adrenalina, esperando algum sinal para poder avançar na prática do sexo.

A Pandemia da COVID-19 produziu mudanças na dinâmica do local. Durante esse período houve o esvaziamento das ruas, os matagais cresceram em torno das calçadas e a atividade de caminhada ao ar livre cessou. “Em 2020 meio entediado resolvi entrar no *Twitter* e vi que estava tendo encontros lá, por isso fui”, disse Augusto. Contrariando as orientações de isolamento e distanciamento social, ele constatou que as atividades aumentaram durante a Pandemia. A presença de usuários do espaço cresceu, mesmo com a incessante ronda que a polícia fazia atrás de possíveis “infratores”, que descumpriam as determinações de prevenção da COVID-19.

Conforme a Pandemia foi encontrando seu declive, as atividades continuaram de vento em popa, foi o que os nossos dois interlocutores afirmaram. Com o retorno das atividades presenciais, a avenida Raul Lopes voltou ao fluxo normal, inclusive a pegação entre as árvores do local. Passando por altos e baixos e até mesmo o medo da polícia,

¹¹Após um ato coletivo de um condomínio da avenida, a avenida agora não comportará mais eventos como o famoso Corso de Teresina e a Micarina. A ação do juiz João Gabriel Furtado Baptista, da 2ª Vara dos Feitos da Fazenda Pública, surpreendeu até a prefeitura da cidade, de acordo com matéria de Catarina Costa para o G1 Piauí (COSTA, 2022).

ambos os interlocutores continuaram visitando o espaço, mais até que a famosa Tontura, ponto de pegação no Centro da cidade. “Lá tá fraco”, disse Augusto, quando foi questionado, manifestando preferência pelas Trilhas da Raul Lopes. Mesmo com uma iluminação extensa e viaturas entre os pontos da avenida, os pedestres que frequentam as Trilhas não se intimidaram. Em 2022, houve a tentativa de impor um novo empecilho de acesso ao local.

Em uma das minhas idas para a universidade, resolvi tomar como rota a avenida Raul Lopes, principalmente para continuar a observação de como funcionava a calçada ao lado do rio pelo período da tarde e da noite, quando voltava das aulas. Notei que estruturas estavam sendo montadas e parte da mata sendo retirada. Antes da última ida ao campo, Augusto, dias antes, me alertou por meio de uma mensagem. “Agora tá mais difícil visitar lá, bloquearam as entradas do estacionamento por conta da Micarina”. Ele já havia se mostrado solícito em me acompanhar no decorrer de alguma visita, me avisando sobre não levar “nenhum treco de antropologia, como caderno ou lápis”, e que eu deveria trajar uma roupa de ginástica, o “dresscode” certo. É interessante pontuar, rapidamente, que após o convite para me acompanharem, ambos interlocutores me notificaram também sobre possíveis assaltos e furtos, mesmo um e outro nunca tendo passado por situações dessa natureza. “Nunca aconteceu comigo, mas é perigoso, não dá pra vacilar, não leva teu celular porque senão é tchau!”, disse Augusto (Diário de Carlos César Filho, 2022).

A Micarina é um evento de carnaval fora de época que ocorre durante dois dias frenéticos. Uma semana após o acontecimento, foram retirados os tapumes e toda a estrutura que foi instalada. Ganharam visibilidade as mudanças na paisagem. Diferentemente dos outros eventos realizados na avenida, havia intervenções drásticas no matagal que circundavam o rio, a área estava mais limpa, mais cheia de “espaços” vazios. A mata que cobria e dificultava a visão de quem passava pela calçada já não continha tanta densidade.

Amigo, capinaram os matos e aumentaram a iluminação por lá, ou seja, a luz está batendo muito forte, quem está de fora agora pode ver e por causa disso o fluxo de pessoas diminuiu mais (Augusto, 2022).

Em uma tarde de quarta-feira, feriado no Estado do Piauí, Carlos César Filho visitou o lugar com a finalidade de realizar a observação do espaço e de tirar algumas fotos do local, após as mudanças efetivadas para a realização da Micarina. Acompanhado de um amigo, adentrou pelas trilhas com disposição de “destrinchar” o território, indo além da área superficial do matagal. Fez o trajeto munido de caderno e lápis, adotando a postura de um pesquisador. Diante do receio de uma possível batida da polícia, imaginou que a performance de pesquisador seria um escudo contra a intervenção policial.

A mata seca e o calor de quase 40 graus amarravam o silêncio da via em um dia de feriado, ainda assim banquinhas de lanches e frutas funcionavam sem tanto movimento. Desci pela área do estacionamento e logo fui embalado pela sinfonia da correnteza do rio e das conversas desordenadas entre os passarinhos acima de mim. Me recordei na mesma hora de um detalhe que Augusto tinha me dito em uma das conversas, “Além do assalto, tem que ter cuidado com os bichos, do nada uma cobra ou uma capivara... Deus me livre!”. De fato são comuns aparecerem na borda do rio. Uma aparição de sucuri na avenida Marechal Castelo Branco, do outro lado, por exemplo, foi notícia e deixou todos os pedestres de

ambas as vias em alerta para com surgimentos de animais silvestres reivindicando seu espaço natural (Diário de campo de Carlos César Filho, 2022).

Figura 1 – Rastros de preservativo e cigarros pelo chão das trilhas¹².



Fonte: acervo particular.

Entre picos e vales, o terreno da pegação é íngreme e barulhento a cada passo de mata cortada e seca no chão. As trilhas, desenhadas por cortes de areia que serpenteiam toda a região, são repletas de preservativos ao redor das árvores. Carlos César Filho afirma que notou um barulho de moto, vendo em seguida que ela passava devagar pelas trilhas. Em seguida, viu um homem perto dos seus 50 anos contemplando a natureza, fitando o céu de forma despreocupada. Perto dele uma árvore escondia dois sujeitos que conversavam baixo e pareciam querer discrição. Ele e o amigo seguiram gestualmente com o caderno na mão apontando para a via, fingindo não se importar com os homens que lá estavam. Alguns metros à frente, outro homem com idade avançada se encontrava sentado, nenhum deles demonstrou intimidação. Carlos César Filho recordou-se novamente de uma situação em que expôs para uma amiga, Alex, sobre o andamento da pesquisa e prontamente ela, com seu espírito único de curiosidade, se convocou para acompanhar durante as visitas. Mas logo sua participação não poderia vir à luz já que Augusto também alertou sobre certo detalhe. “Geralmente mulheres afastam o público lá. As que aparecem são meio estranhas... Se tu for com alguma amiga, a galera vai correr. Qualquer parada esquisita, a galera corre por medo.” Estabelecendo a máxima de um espaço essencialmente masculino.

Carlos afirma que, terminado o trajeto, o amigo avistou outro homem de cerca de 50 anos que insistia em coçar a região do seu pênis. Tiveram receio dele vir na direção deles, mas continuaram caminhando, fingindo observar as espécies de plantas do local. Quando o olhar de Carlos cruzou com o do homem, notou que ele fez um sinal pedindo consentimento para avançar, agora mexendo explicitamente no pênis por cima da calça. De pernas abertas, ele continuou fazendo o movimento, eles recuaram e voltaram para o estacionamento. Quando notou que Carlos e o amigo não se interessaram pela oferta de sexo, o homem começou a segui-los a passos lentos, mas incisivos. Junto dele, outro rapaz que estava de moto fez o mesmo. Apressaram o passo e resolveram cortar o matagal e subir para a região da calçada. Ao verem que estavam bastante visíveis, recuaram. De fato, as obras da Micarina tornaram o espaço mais exposto à visão dos pedestres e motoristas. Os redutores de velocidade e as atividades contínuas da avenida favoreciam aos olhares para qualquer situação incomum. As matas, que antes dispersavam a visão, agora estavam

¹²Carlos César Filho agradece calorosamente ao amigo Nollan Rangel por ter lhe acompanhado durante as visitas ao espaço. Sua ajuda e apoio foram cruciais para a execução deste artigo.

rodeadas de blocos de luz como fachos de um espetáculo que finalmente se revelou. Até os limites da correnteza do rio podiam ser fitados, com suas bolhas de poluição contempladas pelos esgotos perfurando-o.

Figura 2 – Área do estacionamento e entrada.



Fonte: Carlos César Júnior.

A ESTEIRA NÃO TÃO FANTASMA ASSIM

“Sabe, no final das contas, as trilhas são um caótico legal”, afirmou Pedro sobre sua experiência na pegação. “Cada um vai, no fervor da adrenalina, kit com camisinha e lubrificante embaixo do braço” esclarece ele e diz que “é um universo amplo de práticas, é sobre se permitir vivenciar a cidade”. Enquanto Augusto agradeceu timidamente nossa interlocução, Pedro elogiou a “arte antropológica” de “exibir o que a cidade tenta esconder”.

É uma hipocrisia sem tamanhos, é sobre existir. Eu como artista vejo tudo como poesia, sabe? Uma vez cheguei a até caminhar pelado por lá, foi libertador, todos que assistiram ficaram extasiados (Pedro, 2022).

Essa afirmação de Pedro deixou Carlos comovido e o fez recordar de quando estava escrevendo o livro de fantasia ambientado na cidade de Teresina, o “A sociedade do Através” (2018)¹³, cuja história teve cenas em diversos pontos cruciais da cidade. No capítulo final, a batalha contra o vilão Senhor Amarelo ocorre às margens do Rio Poti, começando exatamente onde o autor não imaginava, à época (2017), ser um ponto de pegação. Conseguiu prever uma ideia de que algo deveria acontecer dentro do pacato silêncio que veste o rio. A cena discorre sobre fantasmas que passeiam pela região e são ignorados tanto pelos pedestres quanto pela dimensão mágica do Através, mas que se tornam evidentes quando tocam a esteira da realidade ou quando “atrapalham” o fluxo do cotidiano comum, seja da realidade humana, seja da realidade mágica.

Assim como os fantasmas do Através, há inúmeras vivências e sociabilidades acontecendo sem que a cidade perceba ou que esta prefere ignorar ou reprimir, com argumentos prévios. Tão bem definida geograficamente, não há dúvidas da separação que o próprio mapa da cidade faz com relação à zona nobre e à zona periférica, principalmente com o corte de um dos rios, mas uma conexão entre os “fantasmas” é feita, uma rede que

¹³Publicado pela editora Viseu, o livro narra a história de Cristina em busca de sua amiga perdida em que, durante o seu trajeto, acaba encontrando figuras do folclore piauiense, tais como o Cabeça de Cuia e Num se pode, reformulados dentro do contexto do século XXI.

os une. Dentro daquele universo, diversas identidades interagem entre si pela prática da pegação, com isto recordamos do estudo sobre redes proposto por Adrian Mayer (1966), que analisou a escalada do candidato do *Congress Party* rumo à vitória das eleições na cidade de Dewas, Índia, viu a bolha sendo furada e o ganho de votos por meio de diversas ações que impactavam diversos grupos e nichos.

Hannerz (2015) estudou as redes sociais e as configurações das relações entre as pessoas. A forma como se dão as interações pensadas pelo autor pode ser aplicada ao universo da pegação, uma vez que a propagação da Trilhas da Raul Lopes é feita pela internet ou por “conhecidos”, como disse Augusto. Divulgação boca à boca, a informação do espaço “fura a bolha”, pessoas de diferentes classes sociais e afins visitam o espaço e naquele momento se entregam a “papeis” específicos que, logo depois, ao saírem, são abandonados. Não são apenas pessoas integrantes do circuito LGBTQIA+ que frequentam a pegação, há pessoas que muitos nem imaginariam. “As noções de rede parecem particularmente úteis quando nos preocupamos com indivíduos usando papéis e não com papéis usando indivíduos” (HANNERZ, 2015, p. 170).

É recente a existência de lugares destinados ao público LGBTQIA+ em Teresina, uma comunidade que sempre foi posta de lado. Somente na década de 1990 começou o *boom* de casas e festas voltadas para este segmento da população (MOURA e SILVA, 1995). Logo depois houve uma contínua abertura de espaços *gay-friendly*, grande parte deles continuam concentrados no Centro, encerrando suas atividades às 18 horas. Um dos poucos espaços que enfrenta os limites impostos na cidade é o bar LGBTQIA+ “Otim Pub”, que aparentemente encontra resistência e se encontra fechado no momento. O próprio *Instagram* da empresa foi desativado há algumas semanas, sem nenhuma informação sobre o motivo.

É nítido que lugares são constantemente modificados, “uma praça que durante o dia é usada como espaço de passagem por transeuntes durante a noite pode converter-se em uma vitrine de prostituição ou num ponto de pegação” (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015, p. 51). A cidade que tenta criar uma padronização almejada (RAOLNIK, 1995) nitidamente falha no estabelecimento dos controles estatais, principalmente porque

a transgressão da ordem, o proibido, a não institucionalização do ambiente, o novo, o diferente consegue provocar um estado de excitação nas pessoas. É como se estivessem desafiando a moral estabelecida (MOURA e SILVA, 1995, p. 32).

Em uma avenida que remete ao poder aquisitivo, moral, status e luxo, é previsível o surgimento de algum episódio ou situação que desestabiliza as noções pré-concebidas, pois “a cidade não pode ser pensada como um aglomerado de pontos distribuídos pelo espaço e desconectados entre si” (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015, p 55). Ela é um organismo que está em constante mutação. Pedro utilizou uma metáfora que nos convém mencionar. Ele disse que as Trilhas são como um tabuleiro, onde há um excitante jogo entre quem persegue e quem é perseguido. É dentro desse jogo que a pegação se apresenta como uma atividade de afetos marcados pela impessoalidade típica das grandes cidades. Mesmo no silêncio de suas ações, ela consegue perturbar o Estado, subverter a ordem e ocupar e vivenciar o meio urbano (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015). Depois do prazer e do efêmero, vem a solidão e tudo volta ao normal. Cada um retorna ao contexto de suas vidas, com experiências que dizem muito sobre a cidade e suas reticências, algumas delas continuamente condenadas ao sigilo.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOUD, Lila. “A escrita contra a cultura”. **Equatorial** v. 5 n. 8, p. 193-226, 2018.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome. 2011.
- CÉSAR, Carlos. **A sociedade do Através**. Maringá: Viseu. 2018.
- COSTA, Catarina. Justiça proíbe eventos na Av. Raul Lopes após ação de condomínio; decisão afeta o Corso de Teresina. **G1 Piauí**, Teresina, 9 de Nov. De 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/11/09/justica-proibe-eventos-na-av-raul-lopes-apos-acao-de-condominio-decisao-afeta-o-corso-de-teresina.ghtml>
- FELLIPE, Mário. **Cinemão: Encruzilhadas de Desejos e Sensações**. Fortaleza: Edições UFC, 2020.
- FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou partir? Afetividade e migração de jovens do sertão semiárido cearense**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2006.
- FRANÇA, Isadora Lins. Espaço, Lugar e Sentidos: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 4, n. 2, p.148- 163, 2013.
- GALLAS, Ana Kelma Cunha. **Redes de Sociabilidades Gays em Teresina: Lógicas e Estratégias de Pertencimento**. Universidade Federal Do Piauí, 2013
- GEERTZ, Clifford. “Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura”. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONTIJO, Fabiano. **Rei Momo e o arco-íris: carnaval e homossexualidades no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- HANNERZ, Ulf. **Pensando com redes**. In: **Ulf Hannerz, Explorando a cidade: em busca de uma Antropologia Urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- LEFEBVRE, Henri. Da cidade à Sociedade Urbana. In: Henri Lefebvre. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.
- MARIA, Alinny. Em novo decreto, Firmino proíbe caminhada na Avenida Raul Lopes. **Piauí Hoje, Teresina**, 5 de abril de 2020. Disponível em: <https://piauihoje.com/noticias/cidade/em-novo-decreto-firmino-proibe-caminhada-na-avenida-raul-lopes-345063.html>
- OLIVEIRA, T. & NASCIMENTO, S. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa, Sexualidad, Salud y Sociedad - **Revista Latinoamericana**, 2015, pp.44-66.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. In, Otávio G. Velho (Org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 25- 66, 1967.

REIS, Pâmela Laurentina Sampaio. **Entre Redes: Mulheres, Afetos e Desejos**. Teresina, 2015.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SAMPAIO, José Ricardo Fortes. **Perdendo a cabeça na tontura: reflexões etnográficas no campo da pegação homoerótica em Teresina (PI)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Teresina-PI, 2019.

SILVA, Adriana Araújo e MOURA, Diana Márcia Lima Verde. **Teresina, mostra tua cara! Configuração da Realidade Homossexual Teresinense**. Teresina: 1995.

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 12/01/2024

Aprovado em: 27/03/2024

Received in: January 12, 2024

Approved in: March 27, 2024